ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1923 N.º 815

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O *DIARIO DE NOTICIAS* publicou esta manhã um telegrama, expedido do Cabo Carvoeiro, que nos dá a noticia de que, nas alturas da praia de Santa Cruz, a canhoneira *Quanza* apresou nove motoras espanholas que andavam pescando, nas nossas aguas.

Como uma destas tentasse fugir e não obedecesse á intimação para parar, foi-lhe enviada uma bala que matou um dos tripulantes.

O caso é deploravel, visto que não ha um só português que tenha qualquer empenho em que a questão da pesca possa de qualquer modo vir a dificultar um perfeito entendimento, entre os dois povos irmãos.

Nós ha mais de oito seculos que mantemos a nossa independencia, sendo a unica nacionalidade da peninsula que se eximiu ao poder absorvente de Castela.

As guerras, o sangue de nossos antepassados derramado em varios campos de batalha decidiram que ninguem mandaria em nós.

Portugal, visto ser um país maritimo, beneficia da riquesa piscosa do mar que banha as suas costas, havendo, entre nós, algumas centenas de milhares de individuos que vivem exclusivamente da industria da pesca.

Nas suas aguas territoriais, parecia que devia reconhecer-se-lhe o direito de não ser contestada ou menospresada a sua soberania...

Que se vê, porém?

Os barcos espanhois, depois de haverem empobrecido as suas costas com o emprego de explosivos, começaram explorar as nossas e servindo-se dos mesmos meios e engenhos destructivos.

Era natural que protestassemos indignados contra uma tal violencia.

Os nossos agentes diplomaticos mais duma vez significaram ao governo de Madrid a razão que nos assistia.

Palavras, promessas vagas, afirmações de cordealidade...

Quando ha três anos foi a Espanha uma delegação do nosso governo para negociar um possivel tratado de comercio, apenas se abordou, nas discussões, o assunto pesca e quedas de agua do Douro, logo os nossos vizinhos se firmaram numa intransigencia de que não houve maneira de desarrumá-los.

Os nossos negociadores ficaram com a impressão de que perderiam o seu tempo e seu latim.

A situação irregular que os pescadores espanhois conseguiram criar em seu beneficio, mas com grave prejuiso nosso, agrada mais á Espanha.

A quem cabe, portanto, a verdadeira responsabilidade na morte do tripulante da motora a que se refere o *Diario de Noticias?*

* * *

POR divergencias de orientação corre que declinou o encargo de organizar e dirigir o novo jornal do partido nacionalista, para o que fôra convidado pelo Directorio do P. R. N., o sr. Mario de Almeida brilhantissimo escritor, nosso antigo colaborador e muit ilustre colega da imprensa.

* * *

CORRIA esta tarde, nos meios politicos, de que o futuro director geral das Contribuições e Impostos será o sr. Belchior de Figueiredo, actual governador civil do Porto, que, para esse fim, deve ter sido já chamado a Lisboa pelo governo.

* * *

O CONSELHO de ministros foi convocado para reunir esta noite, na secretaria das Colonias.

O Congresso das Associações COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

Uma notavel afirmação de fé patriotica

Está reunido desde ante-ontem, em Lisboa, um congresso para o qual importa chamar as atenções do país, tamanha é a magnitude do seu significado, e tanto ha, de fé patriotica, nas razões engrandecedoras que o determinaram. As Associações Industriais e Comerciais de Portugal que o chefe do governo muito bem classificou de «classes activas e productoras de trabalho», congregaram-se, numa decisão que é um brado explendido de patriotismo, para enfrentarem, com a coragem, com a energia e com a serenidade que os perigos da hora decorrente exigem, o complicadissimo problema da situação economica nacional—sem duvida alguma o que a todas as outras se sobrepõe como causa primaria que é de todo o nosso mal estar colectivo.

Trata-se de alguma coisa de soberanamente notavel para a vida do país; trata-se de alguma coisa que se superiorisa, na sua importantissima finalidade, a quantas trocas de impressões fugidias soem tomar, p'r'ahi, arremedos de grandiosidade, e de que só resulta, em regra, a constatação de mais algum tempo perdido em discursatas inanes.

Desta feita, alenta-nos a convicção de que se enveredou, com acerto, com seriedade, e, mais do que isso, com verdadeira competencia, pelo caminho que de ha muito nos convinha trilhar; unidos todos os homens de boa fé e de valor autentico na mesma aspiracão de resurgimento patrio.

Assistiu á sessão inaugural o proprio chefe do Estado; presidiu a ela—secretariado pelo ministro do Comercio—o presidente do ministerio; apresentaram-se e discutiram-se, até agora, pontos de vista que honram o país, porque são a prova provada de que não nos faltam mentalidades á altura das circunstancias do momento; não podia exigir-se, para o decorrer dos trabalhos, nem mais alevantada forma de maneiras, nem atmosfera de mais entusiastico patriotismo. E assim, licito se nos antolha futurar de tal porfia o advento de melhores dias por que tanto e tão unanimemente se anseia em todos os recantos de Portugal.

* * *

Dizia-nos ainda ha pouco o sr. José Maria Alvarez, antigo ministro, presidente da Associação Industrial Portuguesa, competencia das que melhor marcam, espirito dos que mais valem, e patriotismo dos que mais confiam:

—O Congresso realiza-se no momento oportuno, e certo estou de que será decisiva a influencia das suas resoluções.

O jornalista, para quem a afirmação não era novidade, tentou, na sua teima forçada de pormenorisar as coisas e de pesquisar os homens, uma informação mais, que fôsse detalhe para o pensamento e que fôsse pretexto facil para o dialogo. E vieram estas duas frases, a dar em sintese os porquês do concilio:

—Era preciso, principalmente, mostrar aos poderes constituidos a razão que nos assiste quando levamos junto deles os nossos protestos em face das dificuldades que a situação financeira a todos nos cria. O problema financeiro, que é problema capital, tem estado até hoje sem solução; era natural e preciso, portanto, que nós indicassemos ao país e, consequentemente, aos governantes, qual o caminho que julgamos viavel para que ele se resolva com segurança e rapidez.

—Esse caminho...

—Não ha outro: é, antes de mais nada, o equilibrio orçamental. Sem ele, jámais se poderá respirar livremente em materia de finanças; que o mesmo é dizer: jámais o país se poderá desenvolver.

—Tem o Congresso um plano, tem um pensamento definido, que facilite a realisação dessa aspiração colectiva?

—A nosso ver—e parece-me que é nesse sentido que o Congresso vai manifestar-se—não ha senão nm caminho...

—Que vem a ser...

—Primeiro: redução de despesas ao indispensavel. Só assim se conseguirá a confiança dos governados.

—Depois, ou cumulativamente, uma vez obtida essa força moral indispensavel, aniquile-se o «deficit». Aumentam-se então as receitas; que, havendo confiança nos governantes, nenhum português faltará á chamada, desde que esse sacrificio se lhe pede como unica solução para o advento de melhores dias da Patria.

Houve uma referencia á atitude leal do governo, traduzida com empolgante sinceridade no discurso a todos os respeitos notavel, que o sr. Ginestal Machado proferiu na sessão inaugural do Congresso, e o presidente da A. I. P. teve esta afirmação final:

—O que era preciso era que todas as forças se conjugassem para a realisação comum a que se aspira; que os governantes e os governados se entendessem, em vez de andarmos todos, como até aqui, a puxar cada um para seu lado, numa dispersão perigosissima de vontades e de energias.

* * *

Como se vê, estamos em face de um acontecimento nacional que tudo indica ser o inicio de uma era nova de trabalho proficuo e de realisações que nos salvem.

Assim a pequenez doentia do presente não vá empecer-nos esta arrancada de coragem para o futuro.

ARTUR Portela reuniu á vólta do seu interessante livro *Tudo Amor*, os louvores unanimes da imprensa de Lisboa.

O Seculo apreciou da seguinte forma o livro do nosso querido camarada, que foi editado pela *Ottosgrafica, Limitada*, do Conde Barão:

«Artur Portela, um dos mais novos obreiros da Imprensa de Lisboa, na idade e na profissão, adquiriu, como raros, em curto espaço de tempo, o posto que ocupa, mercê de invulgares aptidões jornalisticas, admiravelmente servidas por um vivo e original talento literario. Quem, porventura, não teve ainda o prazer de travar com ele conhecimento e apreciá-lo pela leitura diaria das suas reportagens, dos seus comentarios e das suas fantasias, pode e deve fazê-lo agora, percorrendo e saboreando as paginas do seu volume de estreia, intitulado *Tudo Amor*.

Artur Portela dividiu em duas partes—*Prosas e tanagras*—a coletanea de cronicas e impressões escolhidas entre as que tem publicado na Imprensa e cujo interesse e cuja frescura se manteem como no instante em que, pela primeira vez, vieram á luz, redigidas de um jacto. O moço jornalista, referindo e descrevendo uma ocorrencia, traçando uma scena de interior ou de rua, esculpindo um perfil, analisando uma alma, colorindo uma paisagem, erguendo e movimentando uma figura ou uma multidão, jamais descura o programa que se impoz: não ser nunca banal, e afirmar sempre o culto da arte e da beleza, que não são incompativeis com a missão do periodismo, antes a realçam e lhe imprimem lustre.

Uma das qualidades que caracterisam o jornalista nato, e que avulta em Artur Portela, é a da improvisação literaria. Todas as paginas que se encerram neste lindo volume, e que já abrilhantaram a Imprensa, periodica, ainda as de maior formosura, nenhuma havendo que não seja formosa, foram produzidas vertiginosamente, na febre da inspiração ou no relance da observação rapida, pronta e aguda... Entre os grandes dons do verdadeiro cultor do jornalismo, conta-se esse como dos mais dignos de apreço. Artur Portela possui-o num grau eminente. No entanto, muitas das suas croniquetas dir-se-iam trabalhadas com a vagarosa paciencia de um lapidario!

Artur Portela está no alvorecer da sua carreira. Poucas se têm iniciado tão promissoras. Este jornalista-literato, de vinte anos, quando tiver enriquecido o espirito com os tesouros de cultura e de sciencia experimental da vida, que se não alcançam sem o dobar dos dias, afinará ainda mais o seu temperamento de tão estranha sensibilidade e brindar-nos-há com obras-primas que as suas explendidas primicias nos fazem adivinhar.

Joaquim Leitão, jornalista de raça e homem de letras ilustre, escreveu o prefacio de *Tudo Amor*, fazendo calorosa justiça aos meritos do seu joven e talentoso camarada, a quem nos apraz saudar enternecidamente.»

* *

UM telegrama de New-York diz-nos que Norma Niblock, uma joven de dezasete anos, natural de Toronto, obteve o primeiro premio, no concurso nacional de beleza, entre oitenta e sete concorrentes.

O presidente Coolidge recebeu, em audiencia especial, o lindo bando de raparigas a quem dirigiu palavras carinhosas, recomendando-lhes que não se esquecessem de que a virtude é o maior realce da formosura.

Norma Niblock, que é hoje uma gloria americana, recebeu já mais de mil pedidos de casamento.

Ela, porém, limita-se, porventura, a dizer:

—Se me casasse já, seria o meu marido o premiado no concurso de beleza!

* * *

A DIRECÇÃO da Associação Industrial Portuguesa conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças, tendo assistido á conferencia o Director Geral das Alfandegas.

Santarem

Uma festa elegante

SANTAREM, 1 de Dezembro — A velha «Scalabis», de um passado fidalgo, relicario das cinzas de Passos Manuel e do visconde da Serra do Pilar, que foi berço do Marquez de Sá da Bandeira e de Guilherme de Azevedo, com as suas lendas cheias de poesia que a historia assinalou no «Alfageme de Santarem», no «Santissimo Milagre» e no castigo dos assassinos de D. Inez de Castro; ou em tantos romances de amor testemunhados pelas paredes frias de alguns dos seus 13 conventos, ora quasi derruidos, autenticas tragedias sentimentais, ocasionadas pelos preconceitos rigidos, de uma severidade revoltante, dos tempos idos, contra juvenis criaturas que só viviam para o seu «grande amor», rejuvenesceu sexta feira ultima, numa festa encantadora.

A companhia de D. Lucilia Simões, que nesta cidade representou com pleno exito, nos dias 27, 28, 29 e 30, as peças «A Rajada», «Uma mulher sem importancia», «Zazá» e «A vinha do Senhor», realizou na tarde de sexta feira, no Club de Santarem, uma «matinée», por grande deferencia dos seus directores, os ilustres artistas D. Lucilia e Erico Braga.

O programa, embora não houvesse sido previamente delineado, resultou brilhante e toda a extraordinaria assistencia acolheu com vivos e quentes aplausos todos os numeros, que foram executados com grande sentimento artistico.

A direcção do Club ofereceu depois uma taça de «champagne» aos componentes da companhia, brindando o presidente sr. dr. Antonio de Abreu a todos os que colaboraram na interessante festa, proferindo tambem o sr. dr. Carlos Borges algumas palavras de elogio á grande actriz D. Lucilia Simões, que foi apresentada a muitas das senhoras presentes. A toda a assistencia foi servido um fino chá, dansando-se tambem animadamente durante muito tempo, retirando dali com as mais gratas recordações de umas horas bem passadas.

O programa executado foi o seguinte:

Versos de Olavo Bilac e Santiago Prezado, por D. Lucilia Simões.

D. Hortense Luz recitou o «Ao caír da Tarde», de Augusto Gil.

D. Maria Cristina de Almeida disse a «Saudade», de Antonio Granjo.

D. Maria Côrte Real, acompanhada ao piano pelo sr. Pedro F. Branco, cantou «O Peixeiro».

A Guilherme Caupers e Pedro Freitas Branco, ouvimos, com muito espirito:

«In my harem, Kentucky Home, Back to London Town, I'm Going te sing; Le dernir tango; Ragtime Cowboy Joë; I love the dear old home».

Erico Braga disse com a maior correcção a «Aljubarrota», de Ruy Chianca, e versos dele proprio, cuja autoria assegurou com fina graça.

Gastão Alves da Cunha, com aquela «cara» que Deus lhe deu, fez rir com a descrição do «Amor», de Orsini Miranda.

Da assistencia, que era, como dissemos, numerosa, lembra-nos ter visto as seguintes senhoras:

D. Adelia Silveira, D. Julia Henriques, D. Julia Bettencourt, D. Virginia Bettencourt, D. Santana Godinho, D. Angelica Pedroso, D. Julia Moacho, D. Luisa Moacho, D. Elisa Cabral Borges e filhas, D. Elisa Pereira Nunes e filhas, D. Maria da Graça Serra, D. Candida Pita e filha, D. Eugenia Nogueira, D. Rafaela Nogueira Cordeiro, D. Maria Fino e filha, D. Maria Augusta Martins e filhas, D. Maria da Piedade Antunes, D. Maria da Graça Costa, D. Julieta Portela Cabral, D. Maria Carolina Caldas Duarte, D. Maria Romana Batalhoz Caldas, D. Lidia Nobre Trigoso, D. Adilia Amorim, D. Alda Perdigão, D. Laura Sousa, Leitão, D. Mariana Atalaia, D. Maria Luisa Atalaia, D. Sabata Caldas, D. Carmo Sousa, D. Sara Sousa, D. Maria Amelia Dias, D. Mafalda Vaz Monteiro, etc., etc.

A' «matinée» assistiram tambem os jornalistas Leitão de Barros e Alvaro de Andrade.

O nosso desejo é que se não percam, de futuro, os ensejos que se oferecerem para novas manifestações de bom gosto, fazendo-se no Club um bocadinho de arte que não seja... ilicita.

M. F.

SERPOZIL
NOBRE SOBRINHO
Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da
TOSSE CONVULSA
E' laxativa e espectorante e de sabor agradavel.
Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.
Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

"FOOT-BALL,,

"SPORTING,,

vence

"LISBOA E BEMFICA,,

por cinco bolas a duas

Ante-ontem, no Campo Grande, jogaram para disputa duma taça oferecida pela Federação Nacional de Tiro — e com a presença do sr. Presidente da Republica — os primeiros «teams» do Sporting Club de Portugal e do Bemfica.

O Sporting, campeão de Portugal, e ha dois anos seguidos campeão de Lisboa, continua mantendo gloriosamente o seu titulo. Ante-ontem, esmagou mais uma vez o seu antigo rival pelo elevado «score» de 5 a 2.

Desde o inicio do jogo — 15 horas precisas — o Sporting entrou a dominar francamente. E entrou tambem a ser francamente prejudicado pelo arbitro, que lhe inutilisou duas perigosissimas avançadas, apitando hipoteticos «off-sides».

Ramos tem um belo remate, defendido a custo pelo «guarda rede vermelho».

Ha uma fugida do Bemfica, que Ferreira — extraordinario de colocação e serenidade — inutilisa.

Após uma boa passagem do «ponta-esquerda» leonino, Ramos marca o primeiro «goal» do Sporting com um «shot» imparavel.

Os «encarnados» reagem. E' marcado um «corner» contra o Sporting. Estabelece-se uma grande confusão deante das redes e a bola entra.

Com o empate, os homens do Campo Grande animam e voltam a dominar. A sua linha avançada tem remates perigosos: — entre eles, dois de Jaime, explendidos, e que põem em dificuldade o guarda rede bemfiquense.

Regista-se uma colossal defesa de Cipriano, a um «shoot» do «ponta esquerda» contrario.

Ha apenas 35 minutos de jogo, e o arbitro, que é evidentemente um «arbitro de caixa baixa», dá o primeiro tempo por terminado.

Perante os protestos dos rapazes do Sporting, o homenzinho reconhece o erro, e o jogo recomeça.

E' marcado um «freekick» contra o Bemfica. Um dos «backs» defende, e Ramos com um explendido pontapé de recarga mete a bola nas redes — Sporting: 2-1.

Jaime tem três remates perigosos. Contra os «vermelhos» são marcados dois «corners».

Pouco depois termina o «half-time».

O segundo tempo começa, e a assistencia tem o ensejo de assistir a uma extraordinaria exibição de «association» feita pelo «onze» campeão.

Aos dez minutos de jogo, após uma bela serie de passagens, João Francisco corre com a bola, passa-a a Ramos, e este marca com um «shoot» indefensavel, novo «goal». — Sporting: 3-1.

Dai a momentos, Jaime, a 25 metros das balisas, marca o quarto ponto do Sporting, com um explendido pontapé sesgado.

O dominio dos leões é absoluto. Do Bemfica salienta-se Alberto Augusto pelas brutalidades consentidas. Este jogador duma incorrecção que ultrapassou todos os limites, devia ter sido expulso pelo arbitro, esperando nós que os directores da Associação que estavam presentes, apliquem a ambos — arbitro e jogador — o merecido correctivo.

Jaime Gonçalves obtem ainda, de forma imparavel outro «goal» — Sporting: 5 a 1. O entusiasmo da assistencia é enorme.

Os rapazes do Sporting voltam a atacar. João Francisco com um explendido remate marca o sexto «goal», mas o arbitro entende por bem marcar um «off-side»!

Os «verde e branco», a um tempo aborrecidos com a evidente parcialidade do arbitro, e satisfeitos com o elevado «score» obtido, entram de brincar.

Um excesso de confiança de Cipriano — que aliás confirmou ser um guarda rede de grande classe — origina um «goal» a favor dos adversarios.

Mais uns «shoots», e o desafio termina.

* * *

O Sporting Club de Portugal, teve ante-ontem uma tarde inolvidavel. O jogo que produziu, classica-o mais do que melhor de Portugal: — dos melhores da Europa.

Não ha que salientar homens. Todos foram grandes jogadores.

O titulo de campeão nacional está em boas mãos.

A arbitragem foi das peores a que nos tem sido dado assistir — favorecendo o Bemfica de forma evidente. Este que lhe agradeça...

Após este jogo, é com completa confiança que os rapazes do Sporting pódem encarar, não já o campeonato de Lisboa, mas o campeonato de Portugal.

Honra lhes seja feita!

FRANCISCO LEÃO

Ante-ontem, no Campo Grande, jogaram para disputa duma taça oferecida pela Federação Nacional de Tiro — e com a presença do sr. Presidente da Republica — os primeiros «teams» do Sport Lisboa e Bemfica e o Sporting.

Começou o jogo ás 15 horas prefixas, e com ele começou o dominio do Bemfica, que exibe nos dez primeiros minutos uma serie de jogadas preciosas.

Duas fugidas dos adversarios são inutilisadas por deslocações.

Regista-se uma grande defeza de Francisco Vieira.

Uma fugida do «team» do Campo Grande, e um pontapé infeliz de Adão, origina o primeiro «goal» a favor dos «verdes».

Mas a gente do Bemfica não desanima. Torna a atacar, impetuosa e rapida.

Uma avançada perigosissima dos «vermelhos» é defendida «in-extremis» por um «defeza» adverso, que manda a bola para «corner».

Alberto Augusto marca-o perigosamente, e após uns passes em frente das redes, Simões estabelece o empate, com um estupendo «shoot».

Com o empate, os homens do Bemfica entusiasmam-se, entusiasmados pela assistencia que os aplaude.

As raras avançadas dos «verde e branco» são facilmente inutilisadas pela defeza do Sport Lisboa. Francisco Vieira faz duas defezas enormes — proprias de um jogador de classe como ele.

Os «vermelhos» descem, e Alberto Augusto tem um «shoot» fulminante ao «goal», que o «guarda rede» contrario defende com dificuldade.

Aos 35 minutos de jogo, o arbitro — que a Associação descobriu com certeza, empalhado num ferro-velho — dá o primeiro tempo por terminado. Perante os energicos protestos do publico, o homenzinho reconhece o erro, e o jogo recomeça.

O juiz, que ficou evidentemente desorientado, manda marcar — nem ele sabe porquê — um «freekick» contra o Bemfica. Um dos «backs» defende, mas tem um pontapé infeliz, e o meia-esquerda contrario mete a bola nas redes.

Pouco depois, o arbitro apita para o final autentico do primeiro «half-time».

O segundo tempo começa. O jogo mantem-se a meio campo.

A dez minutos de jogo, os homens do Campo Grande conseguem numa fugida, outro «goal».

O Bemfica reage, mas daí a momentos, uma defeza infeliz de Francisco Vieira, origina outro ponto a favor dos contrarios.

Os homens do Campo Grande, aproveitando o desanimo que a marcação deste ponto produziu nos rapazes do Sport Lisboa, conseguem ainda outro «goal».

O Bemfica é contudo um «team» de alma bem portuguesa. Invade o campo adversario e instala-se nele.

Num «corner» contra os «leões», o «keeper» sportinguista» tem uma má defeza. A bola é mandada para dentro, e já dentro é defendida por um dos «backs» do Sporting.

O publico aplaude, mas o arbitro não valida o «goal», pretextando que a bola não entrara! Os protestos da assistencia são unanimes.

Apesar da injustiça que acaba de lhe ser feita, os rapazes do Bemfica continuam jogando com alma. Um homem do Sporting, para salvar uma situação comprometida, mete mão na grande area. O «penalty» é marcado por Artur Augusto, mas o estado do terreno impede que ele dê á bola a direcção desejada, e o esferico passa por sobre a trave.

Esta sucessão de infelicidades parece animar ainda mais os «vermelhos». Artur Augusto, num «shoot» imparavel consegue o segundo ponto do Bemfica.

Vendo-se tão completamente dominados, os homens do Sporting, acumulam-se todos á defeza, e apezar do completo bombardeamento dos avançados do Sport Lisboa, este não consegue aumentar o seu activo.

* * *

O desafio, áparte umas raras fases animadas, não agradou. O Bemfica jogou com manifesta infelicidade, e o «score» obtido, não representa de modo algum, o real valor dos dois grupos.

De resto, a arbitragem foi duma parcialidade revoltante, falseando por muito o resultado.

Estamos convencidos que no desafio do campeonato — e com um arbitro competente, note-se bem! — o Bemfica manterá os seus velhos titulos de gloria.

Será o bem o caso de dizer-se: «Rirà bien, qui rirà le dernier»...

ANTONIO VERMELHO

Pela copia de ambas: CARLOS SERGIO

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção—C. 3194 Administração—C. 3195

Mundanismo

Concertos elegantes

Assistencia elegante aos concertos de ontem:

No S. Luis

Madame Rivera, viscondessas de Alvelos e de Sanches de Baena, D. Eugenia de Ornelas Bruges de Oliveira, D. Maria Inacia Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho e filha, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Maria Teresa Iglesias Scarnichia, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Estefania de Macedo Dias Macieira e filhas, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Susana Garcia Sagastume La Cuesta, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Maria de Oliveira Reis, D. Margarida Cambon Brandão, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Luisa Malheiro de Seixas e filha, D. Amelia de Meneses Fernandes Costa de Novais, D. Maria da Conceição Ahrens de Novais de Calça e Pina, D. Eulalia da Costa Neves, D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, D. Maria Rufina de Abreu Baptista.

D. Felicidade da Costa Pereira de Carvalho e irmã, D. Stela Navarro de Andrade Belmarço da Costa Santos, D. Georgina de Mendonça, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido Torres Pereira, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Nena de Melo Vieira, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, madame Anahory Pinto, D. Carolina Serzedelo, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro Falcão, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Maria da Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Maria de Sequeira Pacheco Niza, D. Maria Eliza Flantier Dias Costa, D. Maria Emauz Leite Ribeiro, D. Maria da Conceição de Abreu Batista, Madame Emidio Mendes, D. Ida dos Santos David, Madame Armando Costa, D. Luiza de Carvalho e filhas, D. Carolina Joyce, D. Berta Camben, D. Maria da Natividade Ahrens de Novais, D. Virginia Luiza Cardoso, etc., etc.

No Politecma

D. Maria Victoria de Barros Lima Sobral Cid, Madame Augusto Monjardino e filha, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sasseti, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Julia Gomes Amzalach e filha D. Sereira; D. Fabia Cambiaço Monteiro, D. Aida de Freitas Branco, D. Maria do Rosario da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), Madame Abel de Andrade e filha, D. Maria Tereza Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Fernanda de Almeida de Orey, D. Ema e D. Branca Dias Costa, D. Maria Barros Lima, D. Eulalia e D. Adelia Ferreira, D. Maria Augusta Pinto da Costa Sampaio e filhas D. Maria Augusta e D. Maria Alice; Mesdemoiseles Castro, etc. etc.

Pontos de reunião

No S. Luiz

Assistencia elegante á quarta recita de assinatura da opera de camara:

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, viscondessa do Marco e filha, D. Maria Augusta de Carvalho Monteiro de Almeida e filha, D. Maria Luz Coruche de Almeida, D. Izabel O'Neill, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filhas, D. Maria Izabel Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco e filha, D. Tereza Belfort Cerqueira e filha, D. Camila de Paiva Raposo e filha, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo e filha, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Estefania de Macedo Dias Macieira e filhas, D. Alice Santos Moreira, D. Eponina Mackee, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Virginia de Abreu Careça, D. Julia de Serpa O'Neill, D. Maria Coelho, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Margarida Cambon Brandão, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Luiza Malheiro de Seixas e filha, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Fernanda de Abreu Careça Lopo de Carvalho, D. Maria de Sequeira Pacheco de Niza, D. Maria Madalena Soto Maior Ferreira Pinto Basto, D. Maria Francisca da Camara Ferreira Pinto Basto, D. Maria Eliza Plantier Dias Costa, D. Maria Sobral Cid, D. Rosa Barroso de Morais e filha, D. Maria Corsino Caldeira e filha, D. Maria Cristina Teixeira de Azevedo, D. Emilia Bredercde Smith, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

No Politeama

Assistencia elegante ás duas primeiras recitas da notavel companhia dramatica da insigne artista Vera Vergani:

Madame Labra Carvajal, madame Lafayete de Carvalho e Silva e irmã, duqueza de Palmela e filha, condessas de Seisal, de Atalaia, da Povoa, de Sousa e Faro e de Pinhel (D. Dolores), D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Alice Rey Colaço, D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Maria Teresa de Meneses Pita e Castro, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria de Sande Ayres de Campos (Ameal), D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalgães, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Adelaide Bramão, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Amelia Rey Colaço Monteiro, D. Jeanne Rey Colaço de Casteo Freire, D. Luiza Deslandes Alanch, D. Matilde Deslandes, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Maria Bruno Heredia, D. Palmira Lucas Torres, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Maria Victoria de Barros Lima Sobral Cid, D. Palmira da Costa e Silva, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, D. Catarina Teixeira Pereira, D. Teresa d'Orey Ferreira Pinto Basto, madame Abel de Andrade e filha, D. Catarina Cordebro, madame Monjardino e filha, D. Alzira de Castro Santos, madame Mario Pinheiro Chagas, D. Mary Pinheiro Chagas, D. Maria Fernanda Baptista de Melo Beirão, D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Aida Mourão Ayres de Magalhães, D. Marta Ayres de Magalhães de Carvalho, D. Margarida Morjo Tavares, D. Maria Luiza Bettencourt da Camara e ir. D. Maria Heloisa Moreira de Almeida Magalhães Colaço, D. Maria Gorreia Leite, D. Flavia Correia Leite da Camara Vasconcelos, D. Mamie Leitão de Barros, D. Adelina Galvão de Sá Ferreira, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca, D. Maria Teresa Galvão de Sá Ferreira Sotto Mayor, D. Oliva Guerra, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, D. Margarida Cambon Brandão, D. Eulalia Pereira, etc.

Agenda

A nossa «elite» dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite em S. Carlos, recita da moda com a «reprise» da peça «A casa da Boneca», notavel trabalho da actriz Lucilia Simões, no S. Luiz, quinta recita de assinatura da opera de camara, e no Politeamo, recita extraordinaria da companhia da notavel actriz Vera Vergani.

UMA DATA

Do livro "Epopeia Maldita,,

por Antonio de Certima

transcreve-se o capitulo segundo da "nona jornada,, intitulado "A comedia da retirada,, ou a "Corrida de Maratona,,

A «gloriosa» manhã do 1.º de Dezembro acordou num vilipendio feroz sobre o arraial farandulante de Nangadi-do-Lago.

Os legionarios descerraram as palpebras, molhadas da cacimba, lentamente, num acordar lugubre, como no interior dum tumulo — o tumulo dos seus sonhos... De consciencia turbada, era com um ar de pavôr que sentiam pesar sobre si o gravame da farda—*toilette* religiosa que vestiu uma raça, parecendo agora um andrajo de arlequim! E, circumvagando os olhos em spasmos idiotas, com a alma esvurmada de amarguras e desilusões, os pobresinhos não entendiam bem o ilogico premio com que lhes cobriam o seu uniforme rôto.

Então, soerguendo-se nos cotovelos doridos, com o rosto a tocar o chão negro, reconsideravam com lagrimas o drama heroico da ultima quinzena...—esse drama de tablado grego todo sofrido resignadamente, caladamente, pelo nome doce e lindo de Portugal, patria sem par! reino de saudade em flôr!

Mas teria sido feita, na verdade, pela causa da Patria, essa jornada de durezas—crucifixo de agonias e luto?

....

Durante a manhã pareceu confirmar-se a má-vontade com que fôra recebida a misera tropa de Newala.

Caldeiros apagados, almas apagadas. Parecia dominar o campo o espirito do homem das cavernas. A sinfonia carinhosa dos passaros no azul era a unica nota humana que entrava no peito.

O fogo tem colunas gloriosas, flamas soberbas que se desenrolam como estandartes e que intimidam os fracos e cegam as consciencias impuras. E o fogo não se acendeu.

Por isso nem o liturgico café das batalhas fumegou no rude copo do cantil, embriagando os herois.

Decerto: havia o proposito de flagelar—de esmagar.

Só pelas 10 horas, a varar, as putridas latas de rancho confecionado—uma confecção repugnante, milenaria e falsa—vieram espalhar-se pelos pelotões numa abundancia enjoativa. Eram estes os comestiveis de honra com que a Representação Oficial do posto tentava amordaçar a doentia voracidade dos desgraçados famintos do fortim. Porém o soldado olhou de longe as repulsivas latas, tão suas conhecidas, e ficou-se em silencio, de apetite empastado, a reconsiderar o vasio da oferta e a sorver a agonia da hora perversa, a hora côr de cinza que passava...

O' meu irmão! o que tu sofreste e tambem o que tu aprendeste neste dia! Deus te abençoe por este martirio.

Ora, foram os de longe que, neste dia enegrecido por tantas tristezas e fomes, vieram alimentar os herois em cuja alma de oiro havia uma «toilette» de mendigos: rotos e mil vezes desconsiderados.

De Portugal, forno de energias do coração, veiu pão—o unico pão, afinal: cartas, bilhetes, jornais!

E o pobre lusiada, fraco, varejado de «maleitas», acendeu logo a lampada dos olhos e com uma vida nova a remoçá-lo pôs-se a ler avidamente todas as *mal-notadas regras* que tão de manso lhe entravam no peito. E um tom de rosa iluminava-lhe o rosto. As mãos tremiam-lhe: eram aquelas saudosas palavras das *Marias* mandando-lhe «muitos apertos de mão»... que ele recebia num arrepio voluptuoso. Depois empalidecia, as lembranças traziam-lhe lagrimas aos olhos—e assim a voz amorosa das afeições, a eterna voz da raça, era um rio de luz a correr-lhe para o coração. E todo escalavrado, de alma a espreitar por detrás do esqueleto, o heroi tomava uma estrutura nova—a estrutura da alma lusiada: nave azul de sonhos e sofrimentos que esta voz mistica com seus erros de pronuncia e santas ingenuidades musicava de cores como num vitral.

A correspondencia viera da Base e aglomerara-se aqui em rimas de sacos—em rimas de corações. Dir-se-ia que todos os ausentes tinham vindo para aqui em rancho de saudades a olhar o rio, a espreitar o que ia pela outra banda. Em cada carta, em cada frase, haveria o arquejo terrivel de um familiar sempre que o vento escrevesse nas palmeiras, mais alto, a alegoria funebre de alem-rio...

Era ainda Portugal, seria sempre Portugal! Os homens esqueciam-se, tornavam-se barbaros e indiferentes, mas nas letras das mães, das bem-amadas, dos amigos, Portugal falava e vinha aqui ajoelhar, em Nangadi, debruçando-se aflito para o Rovuma, atormentado pela sorte dos que pelejavam na noite do bosque pela eternidade do seu nome!

Ainda bem, meus irmãos! O Deus das nossas lareiras, que jámais se apagarão, quiz, acima das ingratidões do logar, que fosse a voz maneirinha das lareiras, onde o fogo ardia em louvor de vós, que vos viesse receber á cancela de Nangadi!

—Eh, rapazes! tomai cartas, muitas cartas... pão, muito pão! São um centeio de alma que alimenta mais a vida que o melhor centeio da serra beirôa—olá!

E toda a religiosissima manhã eu distribui pelo meu pelotão, como um nababo, este orgulhoso ouro da ventura, este pão dos pobres luziadas...

Depois, no entorpecimento calmoso das primeiras horas da tarde, um tiro cavo ribombou de repente no ceu de N'tchichira, chicoteou o ar numa walkiria funebre e veiu esparralhar-se no posto numa explosão abafada pela poeira.

Era o *boche* que mandava a primeira granada.

E logo o espanto foi enorme. Este tiro burguês bastou para que o campo enlividecesse—vilmente apavorado. Havia pupilas a rebentar nas orbitas, com sangue negro, a interrogar o ceu—o amplo firmamento dos misterios e das formidaveis carnificinas! Mas logo outro tiro riscou a tarde com um grito monstro, e então na sincope dos sentidos houve ocasião para delimitar os raciocinios, para os orientar—e todos souberam, quasi cadaveres, que o leão germanico bramia, insolito, para os lados de Mahuta: em N'tchichira.

Eu tentava desenferrujar o idioma — pervertido pelo trato com a malta negra — usando dum «Solarine» suspeito mas o unico que se me deparava: lia «O Seculo» do sr. Silva Graça. Sobre mim distendia os tentaculos de polvo das suas ramas grotescas, inverosimeis, um baobab milenario. E no alto, sobre os meus pensamentos, a primeira granada descreveu a elipse macabra!

Deixei-me ficar. Só não ficaram comigo as minhas ideias anteriores: essas mudaram de curso, fechando a elipse que, graças a Deus, a granada *boche* não quiz fechar...

O Oliveira estava a meu lado. O mais humano apetite acordava o nosso espirito da noite marulhante das nossas conjecções: tinhamos sob os nossos olhos um anuncio do jornal fazendo reclame ao *menu* dum jantar chic de restaurante alfacinha; e com o estomago em braza, e de apetite em agonia, embora isto pese aos nossos comandantes, ambos nos ficamos de preferencia a olhar aquilo, sorvendo a deliciosa culinaria de cada letra, a ter que olhar o campo!—todo impresso então em papel de cera, varrido de palidez até aos ossos. Só depois de nos banquetearmos com o anuncio inteiro é que resolvemos entrar no palco da tarde, corados e fartos como bohemios.

Era bem de ver, o inimigo perseguia-nos com encarniçamento, turbado de ira e despeito pela partida do fortim. Com a mesma peça do Koenigsberg com que dois dias antes nos bombardeara em Newala, ao fim da tarde, fazia-nos agora um fogo de pirraça das altas cordilheiras dos Makondes.

Era a sua retaliação, era o genio da raça do norte.

As granadas, referenciadas por artilheiro habil, começaram a procurar o reduto do posto e em breve lhe cairam dentro chamuscando o matope das arrecadações.

O arraial levantava num estrépito e enrolava-se em desordem, em confusão. Nem mesmo o espirito alegre, presupondo belas galhardias, daqueles que na noite anterior bebiam ruidosamente sobre a toalha branca da *mess*, ousava agora ter manifestações de brio igual dominando com valentia o tumulto dos fracos..

Uma tempestade varria os animos.

Então de novo surgiu sob á curva do céu, a figura bronzeada e severa do Condestavel dos exercitos do Niassa:—o capitão Pedro Curado!

Ele intima, braceja, ameça... O chicote faz no ar um estridulo épico, a sua pistola despeja algumas balas... E toda a sua figura domina o arraial, tenta uma calma sensata, reflectida, honrosa, pelo seu exemplo de serenidade e grandeza impavida, mas o arraial não ouve, não repara sequer na aureola homerica do seu perfil, e mete á doida para Nangadi da Serra—o unico refugio—dando costas ao boche, açudadamente.

O alferes Augusto Sargento, comandante do posto, transpunha o reduto sobraçando o capote e um *civil guarda-chuva* de turismo, e dizia junto de mim com o mais idiota dos sorrisos humanos, numa desculpa alvar:

—Já aqui não sou preciso... Vamos embora!

Então a leva dos sem-espirito seguiu o chefe como matilha contente, desforrada.

Debalde o montante de Pedro Curado pregava sobre o arraial como um teimoso arauto de coragem. A hoste dos que se lhe mantinham fieis—fieis ao dever e á patria—ia diminuindo cada vez mais. Era um torpe desfazer de feira—o desfazer dos meus sonhos de Tavola Redonda! A vasa da alma portuguesa corria em golfadas imundas para o saguão borbulhante da estrada da Serra.

Se o meu general visse aquilo... talvez se arrependesse dos seus actos, da sua falta de exemplo, e talvez chorasse — quem sabe? — sobre as pedras tisnadas do posto do Lago!

Eu acredito que as almas fracas vivem na perene tortura de não poderem ser grandes e ocultam nos seus esgares uma tragedia imensa—a tragedia da sua impotencia, da sua temerosa cobardia.

Pelo cair da tarde, chupado de febre, eu entrava em Nangadi da Serra vergado ao chouto dum escanzelado bucefalo que quasi expirava, creio que com febre tambem, esfalfado por subir a encosta.

Já na crista da ultima ravine, voltei-me para traz a afogar a vista na melancolia daquela imensa planicie donde uma bafagem de entêrro parecia subir. Fitei, cansado, a vastidão tranquila do horizonte e, através da tinta baça da tarde tropical, cancerada de sombras e febre, ao divisar a mancha ocre do posto de que regressava puz-me a reconsiderar com imenso tedio o drama funebre a que acabava de assistir.

No ar cadaverico do ocaso, onde a pustula do sol corroia o ceu, andava ainda a forrar o ar de luto a salmodia dolente dos ultimos projecteis.

Era a sobranceria do boche, era a nossa queda...

...1.º de Dezembro — dia-santo da Patria! e entre nevoas doentias, fumos de despreso, irritações, desaires e angustias, grande *Te Deum* nacional! grande dia-santo de côr!...

E eu chamei, chamei... por João Pinto Ribeiro, por D. Antão do Almada, por toda a grei de 40, para que voltassem, para que viessem de novo, Senhor—ai salvar a terra portuguesa!

E do alto dos pedregulhos de Nangadi, escalvados, e gigantescos como ossos de heroi, sósinho, clamando, clamando por ti—ó meu Portugal lusiada!—eu comparei o dia luminoso de seiscentos com este dia de então, negro, vil, vencido, sem liberdade e sem fé, amortalhado como escravo ruim no dobre triste do canhão inimigo!...

Antonio de Certima

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE e AMANHÃ mais duas representações, definitivas, em consequencia das ultimas enchentes — A peça historica
Alcacer Kibir
do repertorio do glorioso actor Eduardo Brazão

APOLO Tel. N. 4129
UMA NOITE INTEIRA A RIR
A popular revista
VIDA AIRADA
com LINA DEMCEL
7 numeros de sensação, 7, num dos quadros da impagavel revista

=POLITEAMA=
Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
HOJE, ás 21,15 2.ª receita de assinatura da COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA
A comedia em 3 actos, de Guglielmo Zorzi
LA VENA D'ORO

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4356
HOJE e AMANHÃ Ultimas e irrevogaveis
Representação da consagrada opereta
A Perola Negra
Quarta-feira, rèprise: — O JOÃO RATÃO

S. CARLOS Telef. C. 5063
Nas recitas anteriores, mais uma vez, este vastissimo teatro exgotou a lotação.
Em vista de tão grandioso exito dará mais algumas representações
A VINHA DO SENHOR
A seguir: A CASTELÃ

Eden-TEATRO
HOJE — A's 20,30 e 22,30 HOJE
Exito dominador da celebre revista em 2 actos e 2 quadros
FADO CORRIDO
A revista mais querida dos ultimos anos

POLITEAMA
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a direcção do maestro
Fernances Fão
DOMINGO — 9 de Dezembro
6.º concerto de assinatura

TEATRO SÃO LUIZ
F. A. Ramos, L. — TOURNÉE CITTERIO-CRABBE
AMANHÃ — TERÇA-FEIRA
2.ª receita de assinat. de OPERA DE CAMARA
Estreia da opera de Pergolese
LA SERVA PADRONA
Ultima representação da opera de Offenbach
Luizita e Frederico

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Domingos

A crónica dos domingos está feita — e poucos serão os que não tenham confessado uma antipatia geral, um tedio ultra-civilisado, o tedio dos que passam na vida sentindo, apenas, em si e em tudo, as suas impressões egoistas, por este dia pesado de felicidades burguesas, por este dia em que se não trabalha, em que a população resolve atirar para traz das costas as suas costumadas quesilas, as suas tristezas, as suas faltas de dinheiro, as suas cautelas de prego — todo o calvario da semana. E diverte-se.

O domingo é um dia de carnaval.

O homem, livre da côr do trabalho, das apoquentações diarias, regressa, neste dia solene de descanso, absolutamente a si proprio, ao que ele é, de verdade, por natureza, por instinto, por hereditariedade. E' vêr como ele se diverte, como ele vai nos carros, como ele bebe, como ele come, como ele fuma — é vêr a sua alegria histionica, os seus gestos e esgares, o consolo da sua barriga, o frisado do seu bigode, o escanhoado da sua barba — o seu fato novo de vêr a Deus.

O domingo é um dia inconfundivel. O sol é diferente, nesse dia, toda a cidade é diferente. Paira, no espaço, uma melancolia vaga — a melancolia das alegrias contrafeitas, o pró das tristezas que se desejam esquecer, o choro amargurado dos que são obrigados a ficar em casa.

Pobre dia este em que, á fôrça, o homem se diverte, o homem fica entregue a si proprio — á sua mais que mortal condição.

Domingo — dia de carnaval. E o carnaval — já o afirmou Pascoais — significa sinceriade.

Alves Martins

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50 — CHIADO — LISBOA

Á industria de conservas

Virgilio Lory, representante exclusivo em Portugal, Colonias e Brasil, dos estabelecimentos H. Sudry, de Nantes, tem a subida honra de comunicar aos seus ex.mos clientes e amigos e a todos os ex.mos industriais de conservas em geral, que abriu hoje ao publico o seu salão de exposições, na rua de S. Bento, 269, 269-A, aonde terá permanentemente em «stock» toda a variedade de maquinas necessarias á sua industria, como sejam:

Soldadoras, cravadeiras, rebordedeiras-prensas, maquinas de aplicar borrachas, etc., etc.

bem como todas as PEÇAS DE RECAMBIO necessarias a estas maquinas.

Espera pois dever a todos o favor da sua visita, o que agradece antecipadamente.

Colchoaria Quintão
Colchões de arame e de molas
Colchoarias em todos os generos
Cretones e setinetas
Panos de mesa, tapetes de Beiriz e almofadas
Edredons, grande sortido
R. Serpa Pinto, 10 R. Ivens, 30
Telefone C. 5194

As grandes artistas

VERGANI

AFIRMA

ao "Diario de Lisboa,,

"Queria que o meu palco fosse a propria vida,,

Vera Vergani

—E' a primeira vez que nos visita?— preguntámos, para a entrevista, a Vera Vergani, o *Cisne Negro* de Gabriel D'Annunzio, a mais celebre das jovens artistas italianas, a mais plastica, a mais elegante e a mais culta.

—A primeira—responde-nos a Actriz—e sinto-me contente por visitar esta nobre terra latina, que, pela sua historia, as suas tradições, as suas glorias artisticas, tem tantas afinidades com a minha querida Italia.

—Onde nasceu?

—Nasci imodestamente numa fresca e ridente cidadesita de Friuli—Cividali—e digo imodestamente porque em Cividali nasceu tambem Adelaide Ristori, a mais gloriosa das actrizes italianas.—E graciosissimamente, num luminoso e infantil sorriso, Vera Vergani confessou-nos que não fôra, decerto, por sua culpa.

—Representa já ha muito tempo?

—Ha nove anos. Eis a minha edade de teatro: nove anos. Mas, cá fóra, pareço mais velha, não é assim?

Vera Vergani fala com uma grande alegria, uma bela disposição de espirito, brincando com as palavras, com as ideias, com as saudades...

—Em que companhia se estreou?

—Na de Ferruccio Bernini, o mais simples dos mestres, o melhor dos homens, o maior dos actores de dialecto italiano.

—E depois?

—Depois representei sob a direcção de Virgilio Talli, mestre severo da scena italiana moderna, mais tarde ainda sob a direcção de Ruggero Ruggeri, o mais completo dos nossos actores, e finalmente sob a direcção de Dario Nicodemi.

—Qual dos mestres foi o melhor?

—O melhor... foi o ensino que recebi dos quatro. De Bernini recebi o dom da simplicidade—a sua graça; com Talli aprendi a interpretar com toda a ancia dos meus nervos; com Ruggeri aprendi a não dar ao publico a expressão completa dos personagens.

—E com Niccodemi?

Vera Vergani, retomando a sua graciosidade, repete:

—Com Niccodemi?

—Sim, com o seu ultimo mestre...

—Ah! Aprendi uma sciencia dificil... Viajar...

—Só?

—Não, aprendi mais, muito mais... Aprendi a respeitar os autores que interpreto. Dario Niccodemi exige de nós, actores, um respeito religioso pelas obras interpretadas.

—O seu autor preferido?

—E' aquele, sempre diferente, que é representado cada noite. Seja D'Annunzio, Niccodemi, Pirandello...

—E como representa?

—Esquecendo que estou em scena, que o que digo foi escrito para eu dizer, que sou emfim, uma personagem da peça. E' preciso fazer sempre como a Duse na *Dama das Camelias*. A Margarida Gauthier desaparece... fica uma mulher que vive, sofre e morre...

E num grande arroubo de sinceridade artistica:

—Quem me derra que o palco fosse a vida, onde, por um prestigio divino de arte se podesse viver em perfeita sinceridade de alma!

Fizemos mais uma pregunta, e Vera Vergani, como resposta, confessou-nos:

—Impuz a mim propria um certo periodo. Se ao fim dele os meus autores, a critica, o publico e a minha consciencia me disserem que não consegui o que desejava, retirar-me-hei para uma cabana, sem amargura, porque as satisfações, que tenho tido, me saberão fazer a mais doce companhia.

Ja conversavámos ha muito com a artista—mais, certamente muito mais do que lhe haviamos pedido. Mas conversa tão bem Vera Vergani... e é tão gentil, tão amavel!

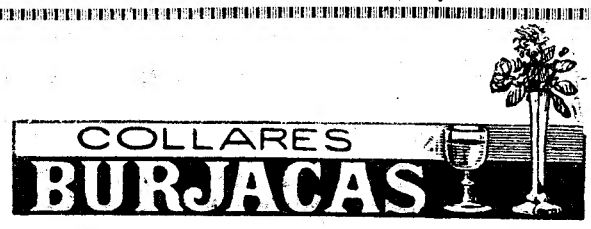
Ainda lhe preguntamos, por ultimo, se comprendia a nossa lingua.

—Sim, compreendo e falo...

—Fala?—interrogamos, admirados.

—Sim, falo, não acredita?

E para nos convencer disse-nos, embaladoramente, a palavra saudade.



O PROFISSIONALISMO

A obra DE EDUCAÇAO na Escola Agricola da Paiã

FALA Joaquim Pratas

Com a assistencia do Chefe do Estado, realisou-se ontem a festa da «Sementeira» e da entrada de novos alunos na Escola Agricola da Paiã. A essa sessão já os jornais de hoje se referiram largamente.

O «Diario de Lisboa» quiz ouvir sobre os beneficios e vantagens da Escóla, o seu director sr. dr. Joaquim Pratas.

—Tem muitos alunos?

—Actualmente oitenta.

—Esta Escola foi criada para...

—Os filhos dos que tombaram nos campos da batalha.

—Quando terminam o seu curso agricola, onde são colocados?

—Em casa de varios lavradores, como cazeiros.

—Ha muitos nessas condições?

—Este ano vai um para a quinta do dr. Francisco Gentil.

—Teem algum vencimento?

—A' medida que os alunos se vão adeantando na aprendizagem, vae-lhes sendo aumentada a retribuição do trabalho produzido, depois de lhe serem feitos os respectivos descontos de alimentação e vestuario. O remanescente é depositado na Caixa Geral dos Depositos.

—Em media quanto ganha cada aluno?

—De $50 a 2$50, conforme o seu grau de instrução. O pagamento do trabalho realisado, além do incentivo, tem o condão de levar o aluno á convicção de que a Escola procura lançá-lo na vida sem o explorar.

—São só essas as vantagens?

—Tem mais. Ao aluno que é aplicado e estudioso, no fim do seu curso, se assim o desejar, a Ecola compra um terreno para ela cultivar e administrar, pagando uma pequena importancia mensal ou semestralmente, para amortisação da venda.

—A Escola é só para menores masculinos?

—Actualmente é. Pensamos no proximo ano criar uma aula agricola para mulheres que se encontrem em perigo social. E no proximo mês de Setembro tencionamos poder fazer a assistencia maternal. A partir de Março, estamos habilitados a fornecer leite bom a todas as pessoas que o requisitem, bem como ás mães que não tenham recursos para o comprar.

A Exposição na Sociedade de Belas Artes

Continua obtendo o melhor exito, a esplendida exposição dos Tapetes de Beiriz, que se encontra na Sociedade Nacional de Belas Artes.

A maior parte dos artigos expostos, estão já adquiridos, sendo os visitantes unanimes em afirmar a beleza e perfeição dos productos apresentados.

A exposição conservar-se-ha aberta até ao proximo dia 12.

GRANDELLA, L.da

Augusto da Silva Natividade, representante-depositario das anelinas alemãs de Fried, Bayer & Comp., fornecendo desde ha muito as fabricas dos srs. Grandella, L.da, vem muito expontaneamente declarar que nunca reformou ou protestou qualquer letra daqueles srs., pois sempre as suas contas lhe foram pagas com toda a pontualidade.

Lisboa, 30 de Novembro de 1923.

Augusto da Silva Natividade

POLITEAMA — COMPANHIA ITALIANA
LA VENA D'ORO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O TEATRO ITALIANO

A peça "L'AIGRETTE" e uma comedia de Feydeau

NOTA das duas recitas

A companhia de declamação do Teatro Argentina de Roma que, sob a direcção do ilustre homem de teatro, Dario Nicodemi, ontem se estreou no Politeama, constitue uma notavel afirmação de arte scenica, quer pelas principais figuras que a compõem, quer pela excelencia do seu conjunto.

Se de facto o artista italiano, é sobretudo um explendido actor de composição, cuidando o detalhe com uma admiravel intuição e com expontaneas qualidades de exteriorisação, a *tournée* Nicodemi, composta de mais duma quarentena de figuras—realiza, no entanto, uma tal harmonia de conjunto que exprime com indisputavel relevo aquele orfeon ideal que Gemier considera o corpo scenico.

Nunca em Portugal se exibiu uma companhia estrangeira em tais condições de exito. E' um contraste frizante com o *matuvisme* que cerca certas notabilidades.

* * *

Vera Vergani é bem o *Cisne Negro* dannunziano, em cuja voz «une delle piu belle tra le poche belle di cui se vanta oggi la scena italiana» ha caricias aliciantes de felino, e ruge a onda estuante das grandes paixões. E' uma actriz, profundamente humana, vivendo muito mais que representando os seus personagens num admiravel tom de verdade. Apaixonada e *coquette*, emotiva e sensual. Um exemplo vivo da sua arte, duma explendida emoção interior, é a maneira como sentiu, como vibrou, como viveu a scena final do 2.º acto da *Aigrette*, pobre farrapo humano, em cuja mascara passou toda a sua lacerante tragedia. Na scena em que escreve a carta, preparou excelentemente a frase final do 3.º acto.

No *It Germoglio*, manifesta uma outra face do seu talento histrionico, sedutora, e terna, apaixonada e ardente.

* * *

Luiz Cimara é um galã moço, de voz quente e maleavel, cujos recursos scenicos se podem avaliar pela scena violenta do 2.º acto da *Aigrette*, com Lupi, pela do 2.º acto do *It Germoglio*, com Vergani, encarnando o personagem com um impressionante tom de verdade e emoção, evitando, com inteligencia, o ridiculo e dando a clara impressão dum noviço amoroso.

Rogerio Lupi representou o 2.º acto da *Aigrette*, unico em que entrou, como um actor perfeito. O dialogo com Vergani e depois com Camara é modelar de sobriedade dramatica e de detalhe. Recordam-se daquele pequenino pormenor—do charuto, que marca excelentemente a sua tenção nervosa?

Lupi evoca pela esplendida naturalidade dos seus processos a escola dos actores russos, de que Guetry é um exemplo flagrante.

Marini, que no primeiro dia fez um tipo perfeito de criado velhaco, encarnou no segundo um belo tipo de abade condescendente e bonacheirão.

* * *

Julia Rissoni é uma encantadora ingenua que no *It Germoglio* marcou bem a dualidade da rapariga alegre e despreocupada e da amorosa terna e simples.

Donadonni, caracteristica de indisputaveis recursos, em dois papeis diferentes vincou dois excelentes tipos—a duqueza cheia de bondade e de indulgencia e a velha rabugenta e feia, intransigente com os deslizes amorosos do marido.

Luiz Almirante, um centro comico acentuadamente italiano, desenhou com um pitoresco flagrante e um belo equilibrio o seu tipo.

J. Frigerio, em dois papeis com pontos de contacto, viveu os seus personagens com boa linha artistica e deu-lhes o recorte exacto.

Em boa verdade haveria que apontar o

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

A eterna critica...

JANELAS E PORTAS e as novas contribuições

O caciquismo eleitoral e a contribuição predial rustica

O *Diario de Lisboa*, que tenciona ouvir entidades de todas as correntes e camadas sociais a quem o assunto interesse, sobre as propostas de finanças, regista hoje a opinião do sr. Cunha Leal. Neste momento em que as primeiras criticas se esboçam, seria curioso colher a sua opinião.

* * *

—Perante a atitude da maioria democratica, que atitude adopta? Qual é o seu pensamento?

—Se ela está disposta, sem intuitos de obstrucionismo, a fazer uma discussão franca e honesta das propostas que apresentei já ao Parlamento e de outras que tenciono, ainda, apresentar, em nada me encomoda a sua fiscalização parlamentar. Já tive ocasião de dizer que nem me agrada uma politica de silencio nem me seduz uma politica de cumplitidade. Prefiro a esse silencio e a essa cumplicidade, que alguns tanto quizeram arrancar ao partido nacionalista, o riso estampado numas faces bochechudas, ou a manifestação de um odio gordalhudo, amarelento e triste.

—Mas, a desenvolver-se uma oposição violenta ás suas propostas, transigirá ao ponto de as deixar transformar por completo pela maioria ou preferirá a intransigencia, embora colocada por forma a tornar possivel o estabelecimento de pontos de acôrdo?

—Não temos que entrar em acôrdo com quem quer que seja. Não ha transigencias nem intransigencias. Limitar-nos-hemos a não consentir que se faça a *sabotage* dos nossos propositos firmes e conscientes de salvação nacional.

—E esses propositos...

—Já em França, após a revolução de 1848, Garnier-Pagès, então ministro das Finanças, dizia: —«Depois de ter examinado tudo, considerado tudo, pesado tudo, volto ao ponto de partida, isto é: ou pedir á França que se salve, por um grande esforço ou abrir bancarrota!»

Nada tenho que tirar ou acrescentar a estas palavras.

* * *

—Mas as criticas ás suas propostas, não partem, apenas, dos seus opositores politicos. Já a Associação Central de Agricultura afirmou publicamente a sua discordancia com alguns pontos da sua proposta referentes á contribuição predial rustica. Não considera isto um pouco mais serio? Não lhe interessa esta manifestação de uma das forças mais vitais do país?

—Perdão. A Associação de Agricultura aplaudiu até o principio da repartição que se estabelece nas minhas propostas para a contribuição predial rustica. E a mim agradou-me imenso esse aplauso. Há, somente, um ponto de divergencia, que deve com certesa ter derivado da circunstancia de não ter ficado suficientemente explicito o meu pensamento, no relatorio que antecede a proposta em questão.

—Há, então, um só ponto de divergencia? Julgavamos que ela fosse mais ampla...

—Mas, certamente. Pela maneira como pretendo que se faça a repartição, pelas diferentes freguezias do contingente atribuido a cada concelho, e a repartição pelos diferentes contribuintes do contingente atribuido a cada freguesia, viso a conseguir que o pequeno e medio proprietario tenham uma decidida influencia no novo arranjo da distribuição do imposto. Ora isto equivale a acabar, na nova organização que preconiso com a preponderancia dos grandes caciques regionais, perpetuada através de dois regimens. O alcance para a nossa vida politica, da deslocação de influencias do pequeno para o grande numero dos cultivadores da terra portuguesa, é tão transcendental que, se a prestimosa Associação de Agricultura tivesse encarado a questão por esse aspecto, seria a primeira, decerto, a manifestar o seu aplauso.

* * *

—A aplicação dum imposto ás portas e janelas, está levantando uma oposição manifesta... Fala-se na tributação do ar e da luz...

—Sim. Eu sei que este imposto que proponho, tem servido de motivo de indignação para uns e de franca hilariedade para outros. Mas nem a colera nem a chacota têm razão de ser. Não se pretende tributar a luz e o ar que cada habitação recebe: no desejo de não recorrer a vexames e inquirições, pretende-se inferir do rendimento de cada um, por um indice exterior de bem-estar.

—Mas a ideia pertence-lhe? Em tributos, é coisa inedita?

—Não, senhor. Este imposto foi estabelecido em França em 1797, depois da grande revolução, como uma das partes integrantes do sistema que veiu substituir o antigo regimen final da extinta monarquia francesa, o qual, incidindo sobre o rendimento, dera logar a inumeros abusos e queixas. Pensou-se, nesse periodo febril de revolução, em atingir o rendimento pelos seus sinaes ostensivos. Pensou-se que o rendimento acaba sempre por aparecer no exterior, bastando esperá-lo á saida para o agarrar na ocasião propria. No relatorio de Deformen, em nome da comissão de impostos, em 29 de outubro de 1790, afirma-se: «Se ha homens que, por avareza, se privam das comodidades que lhe são familiares pelos seus rendimentos, não ha outro remedio senão renunciar a faze-los pagar o que devem». Um desses indicios estabelecido como consequencia do pensamento da grande revolução, foi tributar as janelas e portas exteriores, recenseaveis, portanto, exclusivamente do lado de fóra das habitações. Como se vê, a ideia desta tributação especial nem pertence a parvos nem a reacionarios...

Após o estabelecimento das origens historicas do imposto do portal e janelas, aditou o nosso entrevistado:

—Referindo-se ao caso, dizia Thiers, na Assembleia Nacional Francesa, em 26 de Dezembro de 1871, o seguinte: «Acontece muitas vezes, em França, que se esquece que o nosso sistema de impostos é a obra mais laboriosa, mais inteligente, mais equitativa da Revolução e que, no nosso pais a revolução social de 1789 teve, não digo por objectivo unico, mas por um dos seus objectivos principais, por uma das suas consequencias, mais beneficas e mais certas, a repartição do imposto mais equitativo de quantos tem havido nas sociedades europeias. Tudo o que se pretende fazer hoje, a Revolução Francesa o fez. Vou demonstra-lo».

Thiers a seguir, tomou um a um os impostos existentes; em primeiro logar a contribuição predial, depois o imposto das portas estabelecido «sob o sinal mais caracteristo do luxo, do bem-estar, da importancia das habitações».

E, concluindo, disse o sr. Cunha Leal:

—As palavras que vão em cômas são de Thiers, um homem que, pelos modos, as pessoas pretensamente argutas da minha terra, devem a estas horas considerar um idiota!

Dr.ª LAURINDA ALAMBRE
MEDICA
Doenças uterinas. Partos. — Eletroterapia
Consultorio — Rua Garret (Chiado) 36, 1.º E.
Consultas ás 15 horas — Telef. C. 3680
Morada — Avenida Conde Valbom, M. F., 1.º

Pelos teatros

«O João Ratão»

Nesta secção, independentemente do seu caracter noticioso, faz-se por vezes um pouco de reportagem. E o «reporter» teatral, ao ter de comunicar ao publico do «Diario de Lisboa» a reaparição depois de amanhã, no palco do Avenida, da peça «O João Ratão», aproveita o ensejo para frizar estes promenores: a conhecida opereta, a quando da sua estrela no mesmo teatro, saiu da

ESTEVAM AMARANTE

scena precipitadamense, porque a companhia Satanela Amarante tinha de embarcar para o Brasil; as ultimas noites foram de enchentes completas, daquelas de não ficarem bilhetes na casa e no Brasil, em todas as cidades onde se exibiu, foi sempre «O João Ratão» que levou a palma no numero das representações e no sucesso a todas as peças do reportorio. De regresso a Lisboa, logo que saiu a noticia da sua reprise, a primeira casa foi, imediatamente tomada. No Porto, onde a companhia irá, lá para Março, já ha pedidos feitos. E na provincia, todos os dias, aparecem ofertas de emprezarios, propondo espectaculos com ela, a preços nunca atingidos até agora e que, somados, produziriam uma pequena fortuna nos tempos que vão correndo. Cremos, portanto, que poucas produções teatrais terão tanto que contar.

Atrás do reposteiro

Foi adiada para o dia 11 a primeira representação da peça «A Castelã» em virtude das enchentes que a comedia «A Vinha do Senhor» continua tendo no Teatro S. Carlos.

— Estrecia-se ámanhã no Teatro S. Luiz, em 5.ª recita de assinatura, a opera de Pergolese intitulada «La Serva Padrona» e canta-se pela ultima vez a opera «Luizete e Frederico» de Offenbach.

— Foi contratado para o Eden um numero de variedades, composto de seis mulheres e um homem, para executarem danças orientais e que será metido num quadro da revista «O Fado Corrido».

— Realisa-se hoje, em espectaculo da moda, no Coliseu dos Recreios, a estreia dos artistas Irmãos Daineff que, nos seus originais trabalhos sobre um colchão diabolico, têm obtido no estrangeiro um extraordinario sucesso.

— Quarta feira não ha espectaculo no Teatro Nacional, aproveitando-se o dia e a noite para os ultimos ensaios da nova peça «A Vertigem», original de Charles Marco, tradução de Avelino de Almeida, que irá á scena na sexta feira, em segunda recita de assinatura.

— Devido á falta de espaço não publicamos hoje as notas criticas aos concertos de ontem, o que faremos ámanhã.

— Hoje e ámanhã, no Nacional, são definitivamente as ultimas representações da bela peça historica «Alcacer-Kibir».

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = A's 21 — «A Vinha do Senhor».
Nacional = A's 21 — «Alcacer-Kibir».
S. Luis = Não ha espectaculo.
Politeama = A's 21,30 — «La Vena d'Oro».
Avenida = A's 21,15 — «A Perola Negra».
Apolo = A's 21,30 — «Vida Airada».
Maria Vitoria = Não ha espectaculo.
Eden = A's 20.30 e ás 22.30 — «Fado Corrido».
Eldorado = Ás 21 — Variedades.
Circo da Feira = Não ha espectaculo.
Gil Vicente = Ás 21,15 — «O Medico Negro».
Coliseu dos Recreios = Ás 21 — Companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Calçada da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua do Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco do Bandeira.
Chiado-Terrasse = Rua Antonio Maria Cardoso.

Sapataria CONTENTE, L.DA

Calçados finos
SEMPRE PELOS MELHORES MODELOS E FORMAS
Preços especiais de fins do ano
RUA DO CARMO, 74

WOODSTOCK

TELEF. N. 4190 — A MAQUINA DE ESCREVER PREFERIDA
P. DO AMPARO, 66

«UNDERWOOD»

A melhor, mais rapida e mais resistente das maquinas de escrever

2.000.000 de maquinas espalhadas por todo o mundo atestam os seus bons serviços

AGENTES:
THE MODERN OFFICE, LIMITED
Tel. C. 3066 — 107, RUA DO ALECRIM, 109 — LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS
34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

DINHEIRO

sobre JOIAS, ouro, prata, platina, papeis de credito, AUTOMOVEIS, motos, mobilias, pianos, etc., empresta a juro convencional.

A IDEAL, LTD.DA

Rua d'Assumpção, 88, 1.°—LISBOA—Telef. N. 5180

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO DE JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1895
LONDRES 1906 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraquesa geral.
E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos.
Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.
DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24
PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

SANTOS CATITA, LIMITADA

OURIVESARIA E JOALHERIA
Rua de Santo Antão, 44 e Rua da Boa Vista, 22

Grande sortido em joias de fino gosto. Objectos de ouro e prata para brindes. Relogios em ouro prata e aço para homem e senhora. Compram por alto preço ouro, prata, platina, joias e dentaduras velhas.

unicos agentes para Portugal
"ELETRIGIA"
SANTA JUSTA, 87

Mendonça, Limitada

TELEFONE, 16 NORTE

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS
LEILÕES DE MOBILIAS
EM CASAS COMERCIAES E PARTICULARES
TRESPASSES
Comissões e consignações
AVENIDA DA LIBERDADE, 119-A — LISBOA

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Solano
DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.DA
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N.
TELEGRAMAS: FITELES-
LISBOA

Sociedade Industrial Marin, L.da

Os Gerentes, Fermin Romero Marin e Toribio Marin, participam aos seus amigos e clientes o falecimento de seu saudoso pae e avô, Toribio Romero, realizando-se o funeral manhã, 4 do corrente, pelas 14 horas, da rua Cidade Cardiff, 52, 3.º, para o Cemiterio Oriental.

Caminhos de Ferro Portugueses

Oficinas Gerais

Admissão de ferreiros

Admitem-se ferreiros com pratica de reparação de molas, para serviço permanente nas oficinas desta Companhia.
Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia
Lisboa, 17 de Novembro de 1923.
O Director Geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita

VINHO DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem.
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio de Janeiro.
Pedidos a D. J. Silva, L.da
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.º 1711

LAMPADA ELECTRICA VISSEAUX-CERES A MELHOR

Aos bons fumadores!!!

100 °|o DE ECONOMIA — 100 °|o
Fumai cigarros
INDIANS e WOOLWARD
de genuino tabaco do Estado de Virginia aromatico em carteiras de 10 e 20 cigarros.
Para entrega imediata tratar com os depositarios:
The Maritime World, Ltd.
RUA VASCO DA GAMA, 42, 1.º

GARAGE CONDE BARÃO

DFS
Recolha de 180 automoveis
Venda e compra de automoveis
Oleos, gasolina, acessorios
Material electrico
Instalações electricas
Stock de lampadas «Philips»
Telefone: C. 5430
Telegrafo: Garage Conde Barão
Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da
Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

SÓ NA TINTURARIA BRASILEIRA

Rua do Olival, 284, E., Rua Torre da Polvora, á Pampulha, que se entrega um fato velho e recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto para vestir, dos dois sexos.
Tinge-se em todas as côres.—Limpa-se a sêco em seis horas.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DO PAIZ VISINHO

Os reis

de Espanha visitam

Barcelona

e a população

recebe-o entusiasticamente

BARCELONA, 2

Os reis de Espanha entraram na Catedral debaixo do palio e rodeados pelos bispos de Barcelona, Girona, Solsona e Lerida, arcebispo de Terragona, autoridades civis e militares e alta aristocracia.

Seguidamente foi celebrado um solene «Te-Deum», findo o qual os soberanos desceram até á cripta e se dirigiram para o Ayuntamiento. Em todo o trajecto repetiram-se os entusiasticos vivas, achando-se as ruas completamente repletas de gente.

Depois de receber as boas vindas que lhe foram apresentadas pelo alcaide, D. Afonso XIII, agradeceu a recepção que lhe foi feita e declarou-se encantado com a viagem que acaba de efectuar.

Primo de Rivera

elogia longamente Mussolini

Em seguida teve logar a recepção, recebendo os reis as homenagens das pessoas presentes, e entretendo-se a conversar com os gentishomens e as autoridades da cidade.

Entretanto, o presidente do Directorio Militar conversava com os jornalistas, com os quais trocou impressões sobre a sua viagem á Italia fazendo um largo elogio do sr. Mussolini, que considera «um homem extraordinario, incansavel e reflectindo duma forma tal que é é escusado ponderar quaisquer outros aspectos das questões», como teve ocasião de presenciar.—(L.)

As repatriações

estão suspensas temporariamente

MADRID, 2

O comunicado oficial de Marrocos diz que foram suspensas as repatriações em consequencia do temporal, e que não houve novidade nas varias zonas do protectorado.

Nesta capital estão sendo feitos grandes preparativos para a recepção dos Soberanos na terça-feira.—(L.)

Um grande "film"

Despede-se hoje no Cinema Condes e outro se estreia ámanhã

Quem ainda não admirou o extraordinario drama da Russia bolchevista «O mundo e a mulher» só hoje o poderá ver no Cinema Condes porque é esta a ultima noite da sua exibição. Amanhã estreia-se ali o novo romance-folhetim em 10 episodios «Vidocq, o rei dos policias», de que é protagonista o grande actor René Navarre. Vidocq foi um grande policia e uma das mais curiosas figuras do começo do seculo XIX em França. Depois de ter frequentado os meios mais baixos tornou-se o mais dedicado auxiliar da policia, tendo militado como oficial nos exercitos da Republica de que desertou para procurar dois filhos roubados por um malfeitor.

Muraline

Tinta inglesa a agua

Rua das Pedras Negras, 24, 1.°

LISBOA—Telefone C. 5392

O MOMENTO INTERNACIONAL

MARX

que organisou

o novo governo alemão

é o presidente

do Centro Catolico

A constituição do novo governo alemão, sob a chefia da M. Marx, presidente do centro catolico, representa uma notavel vitoria pessoal conseguida pelo presidente Ebert sobre os nacionalistas, que haviam derrubado o gabinete Stressemann para se instalarem no Poder. Como se sabe, Etegerwald, chamado antes de Marx para organisar ministerio viu-se forçado a declinar essa missão, em primeiro logar porque os democratas lhe recusaram apoio, e depois porque lhe foi negada, tambem, a dissolução do Reichstag. Os nacionalistas julgaram chegado, então, o momento de tirar partido da já excessivamente longa crise ministerial, e, numa carta que foi classificada de impertinente, significaram a Ebert que estavam dispostos a constituir governo. A carta era um ataque directo ao chefe do Estado, até pelo tom mal-reado em que fôra redigida; e daí, o facto curioso de serem absolutamente contrarios aos que se esperavam os resultados de tal atitude. O centro e os partidos democratas, em face de uma ameaça de tal ordem, decidiram deixar ao presidente inteira liberdade de acção, e Ebert, com uma habilidade politica que é preciso registar, respondeu á insolencia dos nacionalistas com uma decisão que os aniquilou. Se as praxes parlamentares lhe impunham, em verdade, a obrigação de escolher os novos ministros nos partidos que haviam recusado confiança aos anteriores, a crise ficava, assim, sem solução, por isso que os socialistas e os nacionalistas tinham contribuido por igual para a queda do gabinete Stressemann, e entre eles nenhum acordo seria agora possivel.

Foi, portanto, na atmosfera facilitadora que a propria manobra nacionalista determinou que Marx poude agir e constituir, sem dificuldades de maior, o seu governo. O ministro das Finanças do ministerio Stressemann, dr. Luthes, que figura ainda no governo de agora, insistia, entretanto, na urgencia de resolver a crise por isso que estava iminente, a seu ver, uma tremenda catastrofe financeira; e essa insistencia foi mais um argumento de que Ebert habilmente se serviu para a realisação dos seus designios.

Evitou, assim, dois perigos que o ameaçavam e que ameaçavam a Alemanha. Nem o novo governo será um instrumento dos nacionalistas, nem, por algum tempo, se falará mais na dissolução do Reichstag.

Quer isto dizer que Marx esteja decidido á governar em rigorismos constitucionais? Nada disso; o que, pelos modos, vai acontecer é que, não obstante a manutenção do Reichstag, Marx pedirá e obterá poderes que o habilitem a actuar o mais dictatorialmente possivel.

* * *

O novo ministerio ficou assim constituido:

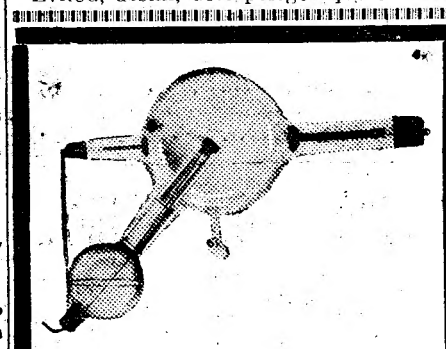
Chanceler: Marx (centro) — *Vice-Chanceler*: Jarres (populista) — *Estrangeiros*: Stressemann (populista — *Guerra*: Gessler (democrata) — *Trabalho*: Brauns (centro) — *Finanças*: Luthes (populista) — *Transportes*: Hoefle (populista).

As primeiras medidas do gabinete

O orçamento será equilibrado a todo o custo

BERLIM, 3

O novo governo resolveu equilibrar o orçamento a todo o custo. O governo já recebeu 50 por cento dos 900 milhões de marcos que lhe iam ser fornecidos pelo Banco de rendimentos e que devem ser redimidos antes do 1.° de Março. 100.000.000 foram enviados para a região do Ruhr para auxiliar os operarios sem trabalho e 150.000.000 vão ser gastos com as subvenções para os funcionarios publicos, para obviar á desvalorisação da moeda. A politica de saneamento financeiro iniciada agora pelo governo Marx-Stressemann, é a unica que póde salvar a Alemanha. As dificuldades a vencer são enormes. O ministerio está disposto a derrubá-las. Os grandes especuladores não acreditam, porém, na vitoria do governo, dizendo que o povo alemão não tem confiança nele e dizem que apenas um emprestimo com suficientes garantias feitas pelos grandes argentarios poderia resolver a situação. — (R.)



Ampolas para radiologia

«**PHILIPS**»

Concessionarios exclusivos:

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS

=LISBOA==PORTO=

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.°— RUA AUGUSTA — 70, 2.°

TELEF. C. 1196

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Dr. A. Pina Junior

Doenças das crianças **Cirurgia infantil**

Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.°—Telef. C. 5020

PROF. JOÃO MANTUA

Contabilidade e Curso dos Liceus

RUA DA GRAÇA—65-B, 3.°, E.

VACINAS e SOROS

DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA

Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.

Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas

SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»

CONTRA A PESTE PORCINA

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS

Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa

Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

NOVAS DE ITALIA

São 700

as pessoas mortas

em virtude

de ter rebentado

o grande dique do lago Gleno

MILAO, 3

Avaliam-se em cerca de 700 as pessoas que morreram devido a ter rebentado o dique ao norte de Brescia. O dique tinha 36 metros de altura, 44 metros de largura e quando rebentou tinha cerca de 300.000.000 de pés cubicos de agua.

Esta tromba de liquido lançou-se pelo vale destruindo as aldeias e afogando as pessoas e os animais que encontrou no seu caminho. Os socorros foram rapidamente organisados em Borgamo tendo sido tambem enviados socorros de Milão. Dificultou os serviços de salvação a chuva torrencial que caiu. Centenas de cadaveres boiavam sobre as aguas ou estavam meio enterrados na lama que marginava os caminhos — (R.)

O salvamento

tem sido feito febrilmente

ROMA, 3

As ultimas noticias recebidas sobre o desastre provocado pela rutura do grande dique do Lago Gleno dizem que os partidos de salvamento trabalham febrilmente, achando-se superiormente dirigidos pelo Rei Victor Manuel, que partiu para o local logo que se deu o desastre, e que o numero de desaparecidos vai muito álem de 600 — (L.).

Estreia sensacional

A de hoje, em espectaculo da moda, no Coliseu dos Recreios

Mais uma estreia sensacional se realiza hoje, em espectaculo da moda, no Coliseu dos Recreios: a dos celebres Irmãos Daineff, artistas unicos no seu genero, que, nos seus trabalhos sobre um colchão diabolico, têm despertado a atenção de todo o publico que no estrangeiro os têm admirado.

Estes artistas e todos os outros que, como Cadine, o celebre campeão do mundo em força e Judex o primeiro e mais notavel atirador do mundo, compõem o notavel programa de hoje, hão de chamar ao Coliseu farta concorrencia como é de uso todas as segundas feiras, dia dedicado pela Empresa daquela casa de espectaculos á sociedade elegante da capital que ali costuma fazer ponto de reunião.

Arte, elegancia, bom gosto e comodidade continuam a ser a caracteristica daquela casa de espectaculos que é hoje, como sempre foi, a unica a que o publico dá a sua preferencia.

BORDADOS

á maquina. Desconto ás senhoras modistas. R. José Falcão, 34, r/c. E.

MAQUINAS DE ESCREVER

IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 3, 1.° (Proximo á estação).

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE PARLAMENTAR

Sessão

sem importancia

Nomeando-se comissões

Pouco concorrido o Parlamento. A influencia de dois dias de feriado, embora quebrados na sua continuidade pela sessão burocratica de ontem para constituição da meza, é sensivel e traduz-se numa falta de assiduidade.

Ha uma nota a registar: — o sr. Antonio Maria da Silva reapareceu hoje no Parlamento, bem disposto e sorridente. Esteve, por muito tempo, junto á tribuna da imprensa, cavaqueando com este e aquele.

Afinal, concorreu muita gente. Iam entrando nos intervalos da sessão. Houve quem comentasse: — «Estão mais deputados que pessoas». O sr. Antonio Maria da Silva, se falhar, era contado por civico... Uns 62, ao todo — o suficiente para se ler a acta e pôr o sagrado tabernaculo do patriotismo nacional a funcionar...

O sr. Juvenal de Araujo fala sobre assuntos de favoura referentes á Madeira, pedindo ao ministro da Instrucção que os transmita ao seu colega da Agricultura.

Antonio Lucio de Azevedo reapareceu hoje no Parlamento, sendo afectuosamente abraçado por varios parlamentares da maioria.

A maioria clama, porque só está presente um ministro. E' seu porta-voz o sr Tavares de Carvalho:

— Então já não ha governo? Quero falar com os srs. ministros do Interior, das Finanças, das Colonias... E' não vejo ninguem!...

Um aparte:

— Que verbosidade...

O sr. Pires Monteiro versa assuntos de instrucção. O sr. Abilio Simas, atenciosamente, presta-lhe explicações aos pontos varios tratados na exposição do deputado independente.

Emquanto se desenrolavam varias peripecias desinteressantes da sessão, conversavam com certa vivacidade os srs. José Domingues dos Santos, Domingos Pereira e Antonio da Fonseca.

Achamos o caso interessante, pois, horas antes, um astrologo nos bichanara ao ouvido que o ultimo seria ministro das Finanças de um hipotetico governo da presidencia do primeiro.

O sr. Francisco Cruz apresenta um projecto de lei estabelecendo facilidades aduaneiras para a industria, cuja situação considera de crise. Pede urgencia e dispensa do regimento.

Por fim, foi regeitada a dispensa de formalidades que o sr. Francisco Cruz requeria.

Entra-se na «ordem do dia», cuja primeira parte é constituida pela eleição de comissões.

CAMBIOS

Dia 3

	Comprador	Vendedor
½ Londres, cheque	2 1/32	2 3/128
» 90 dias	=	=
½ Paris	1$475	=
½ Berlim	=	=
½ Holanda	10$350	=
½ Madrid	3$550	=
½ Bruxelas	1$270	=
½ Roma	1$180	=
½ Suiça	4$765	=
½ Suecia	=	=
½ Noruega	=	=
½ Dinamarca	=	=
½ Nova York	27$320	=
½ Brasil	2$470	=
½ Rio Comprido	5	=
Libra esterlina	128$000	135$000
Agio do ouro	2$600	2$700

Sara Abecássis Buzaglo

FALECEU

Suas filhas e mais familia participam o falecimento de D. Sara Abecassis Buzaglo e que o seu funeral terá lugar ámanhã, 4 do corrente, pelas 15 horas, da sua residencia, na rua das Chagas, 20, para o Cemiterio Esraelita, da Calçada das Lages.

UM MISTERIO DESVENDADO

Os bilhetes DE TESOURO

foram todos apreendidos e valiam 724:000$00

O sr. dr. Paulo Menano, ilustre director da policia de investigação comunicou esta tarde aos jornalistas as conclusões a que chegou sobre o roubo de bilhetes do Tesouro Publico e a falsificação das respectivas assinaturas:

—Um individuo foi empenhar algumas joias de alto valor. No mesmo dia, foi busca-las, deixando em troca um bilhete de Tesouro, no valor de 120 contos. Esse individuo deu o nome de Antonio Fabrega. Mas, como alguem presente afirmasse tratar-se de Pedro Cohen, o penhorista, desconfiado, foi a um banco ver se o bilhete era bom. Ali disseram-lhe que sim. Mas, não satisfeito ainda, foi á Direcção da Fazenda Publica. Provou-se que o bilhete era falso e foi prevenida a policia que prendeu o Cohen. Este contou que as joias pertenciam a uma senhora espanhola e lhe tinham sido entregues por Caetano Macieira, para as empenhar.

O Macieira, preso tambem, declarou não saber de nada, e que, portanto, as joias deviam ter sido tiradas de sua casa e repostas, durante o tempo em que ia ao telefone, pelo Pedro Cohen.

A senhora espanhola disse que apenas lhe faltava um «pendantif» que entregara ao Caetano, afim de aproveitar um brilhante para um anel.

O Cohen, em presença das declarações do Macieira, afirmou então que este vivia de expedientes, tendo-lhe até oferecido um auto por 30 contos, apesar de estar em má situação financeira. O Macieira negou tudo isto.

Por fim, após uma acareação, o Cohen poz tudo em pratos limpos.

* * *

O Caetano Macieira, tendo magnificas relações em Espanha, procurou um dia o Cohen, perguntando-lhe se haveria facilidade em arranjar um cunho para falsificar moedas estrangeiras. O Cohen que conhecia Tomás Ramalho, estando um dia a conversar com ele na Avenida, tomou conhecimento com o «Pé de Cera» a quem propôs o negocio, oferecendo-lhe 30 contos.

O «Pé de Cera» objectou: — «Isso não me parece negocio... Muito caro.» «Mas ha aí um outro...». E o «Pé de Cêra» falou nos bilhetes do Tesouro.

O Macieira, consultado, aceitou, sendo de opinião que os bilhetes deviam ser colocados em Espanha. Para isso, foi ao pais vizinho, com o Cohen voltando este para Portugal, e ficando o Macieira de arranjar os 30 contos e de os mandar.

Entretanto, como o Macieira, em más condições, não enviasse o dinheiro, o Pedro Cohen foi recebendo alguns titulos, a troco de 750 mil réis por cada um. Tencionava enviá-los para Espanha. Mas como jogasse e perdesse, viu-se obrigado a empenhá-los em Portugal.

Quando o Macieira chegou, o Pedro Cohen, atrapalhado, para ver se resgatava os bilhetes empenhados em seu nome, insistiu com o «Pé de Cera» para lhe fornecer mais alguns. Mas este, ao saber que os bilhetes estavam sendo empenhados em Portugal, resolveu «trabalhar» por conta propria.

O Macieira, comprometido com a senhora espanhola, a quem gastara 7:000 pesetas, mandou empenhar as joias para lhe pagar, e arranjou o bilhete de 120 contos, a que acima nos referimos, para resgatar as joias e ficar com algum dinheiro. Mas, logo que se viu servido, abandonou o Cohen. E, ao ser preso, fez-lhe as acusações já citadas.

O Cohen, indignado, contou entre outras historias em que o Macieira andou metido uma de joias a que «El Sol» se refere.

Presos Tomaz Ramalho e o «Pé de cera», este, depois de muito apertado, declarou que ha alguns mezes, José de Carvalho, «O Carvalhinho», funcionario do ministerio das Finanças, o procurou para lhe propôr o fornecimento de bilhetes roubados do respectivo arquivo. Nada ficou combinado, mas como soubesse que Alberto Fornelos estava recebendo dele alguns bilhetes, procurou o «Carvalhinho» que começou a fornecer-lhos tambem. Em casa duma sua irmã preenchia os e falsificava as assinaturas do dr. Alberto Xavier e do sr. A. Raposo, com o auxilio duma lampada, pondo-lhes tambem um selo em branco falsificado.

Os bilhetes que Alberto Fornelos é acusado de vender tinham falsificadas as assinaturas de A. Biscaia e Machado, funcionarios do ministerio das Finanças.

O «Pé de Cêra» confessou que foi ele que falsificou o sêlo em branco e declarou ter, no pé duma mesa, 28 contos que lhe foram apreendidos.

* * *

Como apareceu Julio Rôxo envolvido no caso?

O «Pé de Cêra», querendo ganhar mais com a nova «industria», procurou-o, vendendo-lhos a 2 contos. O Rôxo, por sua vez, vendia-os ao farmaceutico Borges de Macedo, a Antonio Pinheiro, Antonio Simões Miranda, Antonio Simões Miranda Junior e João Baptista Lory que os iam empenhar em nomes supostos. Os dois Mirandas e o Macedo constituiram até uma sociedade só para explorar este «negocio». O Rôxo ia buscar os bilhetes á Avenida da Liberdade e Praça Duque de Saldanha, ganhando 3 contos em cada um.

São 60 os bilhetes roubados, na importancia de 724 contos. Varios deles têm numeros iguais e outros verdadeiros, não sendo, porém, iguais as quantias. Num numero, por exemplo, o verdadeiro é de cem contos e o falso é de cinco.

Ao Roxo foram apanhados dez contos e ao Miranda um serviço de louça.

A maquina apreendida na Amadora e o seu dono, Carlos Bacelar, nada têm com este caso.

INQUILINATO COMERCIAL

Amanhã

vai ser julgada

uma importante causa

A debatida questão entre a Companhia de Saguros União dos Proprietarios e a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, vai ter amanhã, no Supremo Tribunal de Justiça, o seu julgamento. Como se sabe, o fundamento da acção de mandado de despejo movida pela referida Companhia contra os reputados comerciantes é o de que estes efectuaram na sua séde comercial, que fica no predio de esquina da rua Garrett e rua Nova do Almada, algumas obras que a sua senhoria de ha três anos não autorisou por escrito. Trata-se de uma alegação que é destruida pelos pareceres de eminentes jurisconsultos, porque, segundo as doutrinas do perdão e da renuncia, a senhoria podia deixar de dar autorização por escrito, tendo-a concedido absolutamente de viva voz e com fiscalisação das mesmas obras, exercida por mandatario seu.

De pontos concretos aduzidos pelo sr. dr. Acacio Ladgero Furtado,—advogado da firma Eduardo Martins & C.ª, Ltd.ª, extratamos o seguinte que elucida bem o caracter da importante questão e que mostra a que lado assiste a razão.

«A «União dos Proprietarios» comprou o predio *no estado em que estava*, fazendo as obras em questão parte integrante ou melhor, sendo parte componente do mesmo predio e, até, uma parte importante do seu valor. Como é que, pois, pode invocar, como pretexto do despejo, precisamente uma cousa que constituia *elemento de valorisação* do predio á data da compra e fez parte do proprio objecto do respectivo contracto?

De resto, se se quizesse entender que tinha havido infração do contrato de arrendamento — e é este o fundamento juridico da ação, — teria de concluir-se que, desde que a inquilina fez as obras, depois de as ter combinado, em todos os seus detalhes, com a senhoria, e que esta as autorisou e fiscalisou, se houve infração de contrato foi esta cometida *por ambas as partes*, não podendo, portanto, nos termos da lei, ser invocada por qualquer delas contra a outra. São estes os principios dos artigos 676, 677, 678, 679, 695 e 705 do codigo civil.

E aqui temos como, sem necessidade de especiosas dissertações, aliás contraditadas pelos nossos jurisconsultos, sobre a renuncia de direitos — ás quais a «União dos Proprietarios» tanto se apega — a questão pode ser legalmente resolvida, no sentido da *concessão de revista* e da consequente anulação do acordão da Relação, da autoria do Ex.mo Juiz dr. Sousa Teles, que, contrariando a anterior decisão do Supremo Tribunal de Justiça, decretou o despejo da casa Eduardo Martins & C.ª Limitada.»

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

COMPANHIA ITALIANA

As duas recitas

de ontem e ante-ontem

(*Continuação da 5.ª pagina*)

nome de todos os interpretes, porque todos eles mereceriam essa referencia pelo esforço brilhante com que contribuiram para o conjuncto.

A *Aigrette*, talhada nos moldes do moderno teatro francês, sobre afirmar excelentes qualidades de dramatização (no 2.º acto ha situações que se esboçam como um *leit motif*) é dum simbolismo literario, sugestivo.

Pertence á primeira faze nicodemiana a epoca de Paris, com *Le Refuge*, *Suzeraine Hirondelle*. Ha que recordar, ainda as suas tentativas anteriores, com a *Duvida*, em hespanhol, e o *Pela vida*, tentativas que revelavam já a envergadura do dramaturgo.

Il Germoglio, é o *Le Bourgeon*, de Feydeau, mais comedia sentimental do que *vaudeville*, marca um aspecto curioso na maneira teatral do autor da *Dame de chez maxime*, em que certas frescuras parodisiacas se salvam num fiosito de ternura e sentimento.

Niccodemi, fez na primeira noite uma pequena conferencia, por muitos titulos brilhante, e que é uma admiravel sintese da historia do teatro italiano, e que evoca os seus primeiros tempos de critico teatral e de homens de letras.

Registe-se com o louvor que merece mais do que o carinho o instinto artistico que preside á mise-en-scene, e que contrasta notavelmente com a *camelote* de ferro-velho que anda na bagagem de quasi todos as «tournées».

Se até havia autenticas portas de madeira...

Dois minutos de atenção sobre este detalhe, srs. directores da companhia...

Por estas breves notas, pode o leitor avaliar, de quanto é digno de louvor e de aplauso uma companhia que como estas, faz apenas *arte pela arte*.

E' justo que o publico saiba corresponder a este explendido esforço.

J. d'O.